
RECENSÕES / BOOK REVIEWS

Sexualidades, gravidez e juventude: Relações sociais e educativas

Fonseca, Laura, & Santos, Sofia A. (Eds.). (2015). *Sexualidades, gravidez e juventude: Relações sociais e educativas*. Porto: Edições Afrontamento.

A leitura deste livro *Sexualidades, gravidez e juventude: Relações sociais e educativas* conduz-me a algo que de cada vez não deixa de me *espantar* e de me *interrogar*, de me fascinar e também de me iluminar, a saber, todas as questões que envolvem a maternidade e ainda o que nela está presente, que a formulação antiga (que eu ainda conheci) diz no «andar de esperanças» e um «estado interessante». Formulações da gravidez que podem ser vistas como formas de omitir e de não falar diretamente sobre as questões da sexualidade (sobretudo) feminina e ligadas em particular a uma classe social elevada mas também são – no meu ponto de vista – essa capacidade de em cada vez e na formulação da H. Arendt (1991: 59), cada nascimento é algo que *acontece* ao mundo já que «nacer é afirmar-se a sua presença de ser que fala, provoca e age na comunidade: o inter-esse».

Tudo isto como modo de introdução a um trabalho que, não seria necessário referir nem sublinhar, aborda um tema extremamente importante e essa importância vem-lhe das escolhas teóricas e metodológicas que foram feitas na abordagem desta questão de sexualidades, gravidez e juventude em cujo título aparece somente no plural as sexualidades e não as grávidas

e juvenídes que são também elas *plurais* e as «relações sociais e educativas». Julgo que este projeto de investigação significou um trabalho a vários níveis, que são designados na introdução, não só na implementação da pesquisa e dos diversos contextos em que a mesma se realizou, como na própria realização, nomeadamente na preparação das sessões temáticas com os grupos e as entrevistas – a formação dos/as investigadores/as e as questões técnicas e éticas num tema de difícil abordagem – e ainda todo o trabalho de transcrição e análise dos materiais recolhidos.

O documento que agora aqui aparece sob o formato de livro foi também ele elaborado a partir de um longo percurso de *escrita individual* e *de grupo*, de artigos, e também agora de textos originais. Como o título indica, há um enfoque nas questões educativas no enquadramento teórico, nomeadamente, nos textos de Mary Jane Kehily e Guacira Louro (consultoras internacionais do projeto), cada uma delas focando uma das duas vertentes do livro, mas não de forma estanque, na análise das questões da gravidez, sexualidades e maternidade adolescente e as questões educativas. As questões de partida do estudo foram formuladas deste modo por M. Kehily (p. 48):

O que significa a maternidade para as mães pela primeira vez? Quais são as narrativas inter-geracionais em relação à maternidade? De que modo ser mãe muda a identidade das mulheres? Como imaginaram e experienciaram a maternidade as mulheres de diferentes gerações? Qual o papel desempenhado pelos homens para influenciar as expectativas e experiências de maternidade nas mulheres.

O projeto que aqui é dado a ver é pois um projeto amplo, ambicioso, inovador, nomeadamente por esse desígnio de querer abordar contextos sociais e institucionais tão diversos na sua pluralidade ou policentrismo. O estudo é descrito pelas suas coordenadoras como sendo de

natureza qualitativa, «sociologicamente elucidativa» e policêntrica (decorre em meios urbanos, de transição ou mais isolados abrangendo múltiplas culturas de juventude). É temporalmente contextualizado no final da 1ª década do século XXI (2007-2011), tempo de profundas mudanças económicas, sociais e culturais, em que vários problemas e sujeitos adquirem novas visibilidades com repercussões importantes no campo educacional. (p. 29)

Integrando esta pluralidade ou este policentrismo que caracteriza o estudo, há um fio que atravessa este projeto – a saber as questões de cidadania – e, neste caso, da cidadania íntima:

(...) reconhecer as reivindicações de cidadania baseadas no direito à cidadania íntima confronta a longa história das políticas sexuais hegemónicas, sob a dominação masculina e a heterossexualidade como «norma compulsiva», ao mesmo tempo que acentua a necessidade de focar os espaços públicos e privados como espaços democráticos de cidadania. (p. 19)

Desejo de conhecer pois essa esfera do privado, do íntimo, do dar voz e espaço a formas diversas inapropriadas, impróprias, de viver a maternidade, e é a partir desta impropriedade, desajustamento e fora do

centro, que me parece encerrar a enorme luminosidade deste texto, dando a ver outras realidades e propondo outras leituras da gravidez. Novas leituras que deveriam ser/aparecer de forma mais clara e decisiva nestas *aparições* e nesse tempo de estarem ainda a emergir como sujeitos educativos, como algo de novo nas suas afirmações individuais, na ousadia, na exploração do desejo sexual, na *power girl*¹, «nos protocolos de aprendizagem da sexualidade» (p. 12) como o namoro, as estratégias de ciúme, o curtir, «a noite», o engate e ao mesmo tempo presas nas formas de dominação masculina e a sua longa história, entre elas, a violência, a não assunção da paternidade, e é como se a maternidade tivesse um papel de «reencantamento» das suas vidas.

Também a constante afirmação de *amor romântico* como ideal de vida para além de todos os contextos de violência e de dominação. A manutenção na gestão da imagem, da apresentação, de lidar e afirmar-se no namoro, no ciúme, nos comportamentos e na maior parte das vezes com o «male in the head». Segundo as autoras «Esta posição dá-nos uma definição de amor que exprime bem a regulação invisível do patriarcado e do “male in the head” (Holland et al., 1998), ao manter uma aparente desconexão da masculinidade com a afectividade» (p. 151). Deste modo, como refere Kelihiy: «os jovens podem estar fisicamente ausentes como pais mas são “imaginariamente centrais” para estas mães adolescentes» (p. 52).

Ambivalência também nas diversas leituras sobre as gravidezes adolescentes que estas jovens formulam, a saber, entre a gravidez inesperada que acontece e gravidez (adolescente) desejada. Já há muito tempo que suspeitava que devia ser seguido este fio de investigação, esse desejo de gravidez adolescente que não podia ser explicado somente pela resposta constante

¹ Isto é, se por um lado se espera que as raparigas sejam sexys, sedutoras e liberais, por outro são criticadas e humilhadas se forem sexualmente activas (Lees, 1993).

da «falta de informação», sobretudo quando a taxa de gravidezes adolescentes se manteve elevada no contexto da sociedade portuguesa e quando a informação sobre a mesma já era mais visível e em contextos diversos. Também essa ambivalência que é bem apresentada na sua forma plural de expressão, marcada nomeadamente pelas diferenças de classe social: as jovens de meios populares, cuja gravidez é vista como desvio, patologia, enquanto que nas jovens de classes elevadas ela é vista como um corte com a atividade produtiva futura, e por isso aparece como uma «atividade reprodutiva inapropriada». Como se, na minha opinião, «houvesse um enorme desperdício: o deitar fora possibilidades nas classes elevadas e, nas classes mais baixas, fosse essa ausência de perspectivas que se lhes oferece como única riqueza, já que tudo foi, desde sempre, desperdício, e a reprodução não é mais do que o seu processo de acumulação» (Joaquim, 2006: 38). Para contrariar talvez esta oposição, gostava de mencionar o texto de Rabia Chikh (1990: 219):

(...) se as mulheres são produtoras quando têm filhos, trata-se de uma produção original, na medida em que dão à luz «seres vivos que falam», dotados da mais elevada das qualidades simbólicas, a linguagem assim o valor simbólico é constitutivo do valor económico

Nesse sentido penso que estas jovens adolescentes e suas gravidezes de uma forma ou de outra buscam esse *reconhecimento simbólico* que as confirma como sujeitos, o que não conseguem de outro modo, por uma multiplicidade de razões: económicas, culturais, afetivas, etc. Parece-me até que na sociedade portuguesa a constante referência à baixa taxa de natalidade no contexto atual passa por esta percepção particular por parte das mulheres do não reconhecimento simbólico da maternidade e de forma (in)consciente não desejam ser mais simplesmente produtoras, seja também por razões materiais (falta de condições materiais, desemprego, etc.).

Um livro cujo percurso de leitura é longo mas que no desenrolar das suas abordagens nos diversos textos nos ajuda a perceber a multiplicidade de questões e do desejo de compreensão das autoras e do autor numa perspectiva enunciada por Helena Araújo e citada na introdução: «romper com os quadros duma ciência das regularidades, das vidas oficializadas, que esconde e esquece as especificidades, as diferenças, as vidas nos termos dos próprios agentes envolvidos» (p. 30). Perspetiva deste trabalho, que é nomeado como «um olhar de dentro das vozes» que tenta reconhecer e dar a ver esse desejo de ser gente e em simultâneo esse contexto de gravidez em que, segundo o/as autor/as, essas raparigas deixam de ser sujeitos (educacionais) e em muitos casos simplesmente sujeitos.

Um dos contributos importantes deste livro foi a abordagem de contextos institucionais muito diversos e a relação que os mesmos estabelecem com estas jovens e cuja forma de organização é necessariamente punitiva (e patriarcal!). Punitiva sobretudo na clausura que as invisibiliza como sujeitos e as torna simplesmente mães no olhar do outro. Talvez sejam as figuras/depoimentos mais tocantes, pungentes neste livro, as destas jovens institucionalizadas, o que me lembrou a escultora Camille Claudel, que esteve internada num asilo psiquiátrico durante muitos anos, «ela, lá em baixo fechada, que chama, uma outra fechadura que se abriu (...) Ela está lá em baixo, ela espera, não há mais um instante a perder, esse rosto lá em baixo que grita na noite, fechada, uma mulher» (Joaquim, 2006: 43).

Esse olhar de dentro das vozes

Ou a perspetiva em que essas vozes podem ser vistas por razões de ordem diversa, género, etnicidade, deficiência, razões económicas, culturais, etc., nas margens e que interrogam e solicitam atenção especial e que não deixam de levantar esta questão formulada por Guacira Louro no seu texto:

aparentemente se promove uma inversão, trazendo o marginalizado para o foco das atenções, mas o carácter excecional desse momento pedagógico reforça, mais uma vez, seu significado de diferente e de estranho. Ao ocupar, excecionalmente, o lugar central, a identidade «marcada» continua representada como diferente. (p. 54)

Nesse sentido devo referir que este enfoque ou esta tentativa teórica e empírica de abordagem policêntrica é muito difícil, mas julgo que pode trazer outros resultados, na tentativa de desfazer «lugares comuns», em particular sobre as gravidezes adolescentes e sobre as vivências das mesmas num contexto em transformação, em que, por um lado, a nível teórico e para isso os estudos sobre as mulheres e os movimentos feministas (como é referido por Guacira Louro no seu texto) foram importantes para as abordagens das sexualidades, desconstruindo a teoria dominante e dominadora da heterossexualidade mas, em simultâneo, esse ênfase da sexualidade nesses estudos ocultou outras dimensões e, no meu ponto de vista, nomeadamente as de classe e de etnicidade que as autoras denominam como a ligação ao tecido social. Julgo que não se pode pedir a nenhum conceito, seja de classe ou de género ou de etnicidade que possa dar uma explicação total, ou antes politizada, da pluralidade de situações individuais e coletivas e assim perpassa neste livro esta questão pungente, a saber «o que fazer com quem quer viver como diferente?» (p. 54).

A leitura destas biografias dá-nos também outras versões de lógicas dominantes e também de «moda» teórica (e mundana) na forma como estas raparigas se recusam à «desvantagem das suas vidas», apesar do que as autoras nomeiam como «eliminação educacional» (cap. 3) ou desresponsabilização ao nível institucional. Sujeito grávida adolescente: pobre, dependente, imoral, que leva em determinados contextos institucionais a formas de reclusão. «Sinto que estou aqui para ser “tratada” e “avaliada”, tornar-me boa mãe». Este espaço só existe por causa dos filhos. O tempo torna-

-se lento, de espera, sem fim (p. 117). Por outro lado, julgo que estas jovens procuram sair de clausuras diversas em que vivem, nomeadamente através destes encontros, destes (des)afectos, destas gravidezes, como se se pudesse utilizar a imagem da *contaminação* reelaborada por exemplo pela filósofa Elena Pulcini (2009) não como separação, fronteira que aparece em diversos contextos HIV, racismo, mas em que a contaminação, ao contrário de ser fronteira/clausura, é abertura para outras possibilidades de saber, de vida, etc. O contágio como ser afetado, tornar-se outro/a, diferente, ao contrário de uma forma de desapego, separação.

Um olhar de dentro das vozes. Um olhar científico no que isso significa de *nomear*, identificar, dar nomes ao que acontece, ao que emerge. Nomear que é referido por uma jovem: «nós não somos educadas a falar disso, a dar nome às coisas» (p. 127).

Teresa Joaquim

Universidade Aberta / CEMRI – Centro de Estudos
das Migrações e das Relações Interculturais

Referências bibliográficas

- Abdelkrim-Chikh, Rabia (1990). Les femmes exogames entre La Loi de Dieu et les droits de l’homme. In Bruno Étienne (Ed.), *L’Islam en France* (pp. 235-254). Paris: CRNS.
- Arendt, Hannah (1991). *Homens em tempos sombrios*. Lisboa: Relógio d’Água.
- Holland, Janet, Ramazmnoğlu, Caroline, Sharpe, Sue, & Thomson, Rachel (1998). *The male in the head: Young people, heterosexuality and power*. London: Tufnell Press.
- Joaquim, Teresa (2006). Camille Claudel. In Teresa Joaquim (Ed.), *As causas das mulheres ou a comunidade infigurável* (pp. 39-43). Lisboa: Livros Horizonte.
- Pulcini, Elena (2009). Contamination and vulnerability: The self in the global age. In Silvia Caporale Bizzini & Melita Richter Malabotta (Eds.), *Teaching subjectivity: Travelling selves for feminist pedagogy* (pp 15-32). Utrecht & Stockholm: ATHENA3, University of Utrecht and Centre for Gender Studies, Stockholm University.